

Jornais Franceses no Brasil

Valéria Guimarães

Doutora em História Social (USP)
Pós-doutora (PUC /FAPESP; CHCSC/FMSH)
valeriaguimaraes@terra.com.br

O objetivo deste trabalho é contribuir para a compreensão das transferências culturais entre a imprensa brasileira e francesa na virada do século XX e suas conseqüências¹. Queremos conhecer o percurso de jornais franceses de grande circulação como o *Le Petit Journal*, *Le Journal*, *Le Matin* e *Le Figaro* no Brasil, os quais conheceram grande sucesso na França desta época e, talvez, no mundo.

O jornalismo moderno se caracteriza pela produção em larga escala que ultrapassa as fronteiras dos países. A cultura de massa estava em formação e o jornal não queria mais convencer a opinião pública, mas lhe ser agradável². A circulação dos impressos é um dos efeitos desta busca de expansão dos mercados, sobretudo partindo daqueles países em que a atividade impressora era numerosa e já bem consolidada, como era o caso da França, cujos projetos editoriais dos periódicos serviram de modelo para o mundo todo.

Nossa hipótese central é que estes jornais são importantes para compreender as opções adotadas no processo de modernização da imprensa brasileira, seja através do contato direto com a França, seja através do comércio triangular com Portugal. Para além das trocas tecnológicas, presume-se que há a criação de um imaginário e de uma memória coletiva que são o resultado do intenso fluxo de informações nas páginas dos jornais.

¹ Este artigo é um balanço com base em alguns textos que temos publicado. Com dados colhidos em nossa pesquisa, procuramos, aqui, trazer elementos de algumas das nossas recentes descobertas acerca da produção, circulação e leitura de jornais, revisando algumas constatações e análises que têm sido investigadas e que podem ser conferidos nos artigos: *Passageiros de Bondes: leitores de jornais na caricatura de K.Lixto*, in Revista Patrimônio e Memória- Unesp-FCLAs- CEDAP, v.6, n.1, p. 32-53, jun. 2010 (disponível em < http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria- v.6.n1/artigos/passageirosdebondes.pdf >); *O Vício Chic – os faits divers e as representações do bas-fond na Belle Époque brasileira* artigo apresentado no *Colóquio Internacional: Literaturas e escritas do jornal, França-Brasil (1800-1930)*, Unesp-S. J. Rio Preto, ago/2009 (aceito para publicação, previsão 2012); artigo *Du paquebot au télégraphe : la presse populaire étrangère au Brésil au tournant du XX^e siècle* apresentado no *Colloque Le commerce transatlantique de librairie, un des fondements de la mondialisation culturelle (France-Portugal-Brésil, XVIII^e-XIX^e siècle)*, CHCSC-UVSQ, em set/2010 (aceito para publicação, previsão 2012).

² DELPORTE, Christian. *Les Journalistes en France 1880-1950*. Paris: Éditions du Seuil, 1999, p. 44.

O conceito de transferências culturais toma, portanto, a lógica da reinterpretação e da transformação do "objeto da transferência"³. Mais do que "cópia" ou "influência" o diálogo com os modelos estrangeiros resulta na co-presença de temas antes separados, ou seja, converge para o ponto cujas trajetórias se cruzam e onde a periferia também pode determinar a metrópole⁴.

Estamos interessados pelos jornais que publicam a "notícia-entretenimento" (*new as entertainment*, como os *faits divers*), porque eles estão no cerne do processo de modernização do jornalismo universal. Eles são os produtos do jornalismo popular (*à bon marché*), voltados ao grande público, sintonizados com a cultura popular e com as fórmulas usadas para vender para multidões. Este jornalismo coloca em larga circulação, portanto, representações diversas que são reinterpretadas nos contextos locais em que se difundem.

A imprensa sensacionalista não é exclusivamente francesa. "The Infotainment", "yellow journalism" ou "the penny press" são os termos usados nos Estados Unidos⁵. O mundo todo, seja anglo-saxão, seja a Europa ou mesmo o oriental Japão publicavam *faits divers* ou *space fillers*. Após o "Caso Troppman" (1869) ou "Jack, o Estripador" (1888) a imprensa não é mais a mesma e seus leitores são tão universais quanto seus temas. E, mesmo que no Brasil não houvesse veículos exclusivos de *fait divers*, os "fatos diversos" também conheceram o sucesso nas seções cada vez mais numerosas: *Notícias Diversas*, *Última Hora*, *Cenas de Sangue* etc.

Mas foi o modelo francês que foi mais difundido no Brasil, quando se fala de notas sensacionalistas, até pela hegemonia cultural que este país exercia desde fins do século XVIII⁶ e, provavelmente, devido ao estrondoso sucesso que o jornalismo francês obteve durante o século XIX, ao lado de sua produção literária. Sem dúvida, a presença de franceses em vários ramos do jornalismo e da atividade editorial brasileiros foi

³ WERNER, Michael. *La place relative du champ littéraire dans les cultures nationales – quelques remarques à propos de l'exemple franco-allemand*, in: Michel Espagne et Michael Werner (dir.), *Philologiques III - Qu'est-ce qu'une théorie nationale? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1994, p. 17.

⁴ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes – travel writing and transculturation*. New York: Routledge, 2008 (1992), p. 8.

⁵ THUSSU, Daya Kishan. *News as entertainment – the rise of global infotainment*. London: Sage Publication, 2007.

⁶ LUCA, Tania Regina de; VIDAL, Laurent (dir.). *Os franceses no Brasil – séculos XIX e XX*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

igualmente determinante para a predominância das referências francesas. Por estes motivos, escolhemos como objeto nesta primeira fase de pesquisa o corpus acima citado a ser analisado no contexto desta integração sem precedentes do mercado editorial ocidental ocorrida durante o "longo século XIX", para usarmos uma expressão bem conhecida de Eric Hobsbawm.

Assim, tentaremos articular a pesquisa em dois eixos que compõem um esforço de identificação (1) dos caminhos tomados pelos periódicos e (2) dos atores das trocas entre os países assim como das instituições e lugares onde era possível encontrar e ler os jornais estrangeiros.

É possível saber quais são os jornais estrangeiros que circulavam nas livrarias brasileiras, acervos públicos e privados de então? Quais são os mediadores culturais envolvidos nesse processo? Como podemos definir as práticas de leitura de jornal na perspectiva interna (diferenças ou coincidências entre grupos) e em perspectiva externa (como compartilham do imaginário com os estrangeiros, modelos de formato, diagramação, rubricas, estilos etc.)? E quais são, enfim, os efeitos dessas trocas, as imbricações e os resultados destas "zonas de contato"?

Para a história da imprensa periódica, a abordagem com base no conceito de transferências culturais é uma necessidade devido ao caráter global que esta produção teve desde seu início. Resultado da revisão dos conceitos da literatura comparada levada a cabo por Michel Espagne e Michael Werner (1994), este conceito foi tomado pela história cultural como uma nova abordagem que permite uma visão global das relações culturais.

Considerando o caso do Brasil, uma antiga colônia, em que a imprensa chegou com atraso (1808), a busca por modelos transforma-se num imperativo. A era do desenvolvimento tecnológico atinge também o "país do café", intensificando a importância das trocas culturais neste momento de modernização assim como da implantação e consolidação do processo republicano. Este foco global permite colocar a experiência local em perspectiva frente ao contexto mais amplo e torna possível compreender suas singularidades e imbricações.

O telégrafo e a integração ao mundo

Quanto ao primeiro eixo: quais os caminhos do impresso periódico e de seu conteúdo? E quais as consequências para o jornalismo com fins predominantemente comerciais? (não nos interessa nem o opinativo, nem o literário ou satírico).

Até a adoção do telégrafo e da compra de notícias nas agências noticiosas, os jornais chegavam fisicamente pelos navios (paquetes). O resultado aparece nos jornais da semana seguinte e era cômico por vezes. O escritor José de Alencar expõe a situação de maneira irônica nas suas crônicas para o jornal "Correio Mercantil" de 1855⁷:

Há três ou quatro vapores soubemos que se preparava a expedição da Criméia (1853-56); depois disto, as notícias vieram, e continuaram a vir pouco mais ou menos desta maneira:— As forças aliadas embarcaram — estão em caminho. Devem chegar em tal tempo — Chegaram — Desembarcaram — Reuniu-se o conselho general para resolver o ataque — O ataque foi definitivamente decidido — Começou o assalto — Interrompeu-se o combate para que os pintores ingleses tirem a vista da cidade no meio do assalto — Continuou o combate — Fez-se uma brecha — Nova interrupção para tirar-se a vista da brecha. Isto, a dois paquetes por mês, dá-nos uma provisão de notícias que pode chegar até para meados do ano que vem. Provavelmente durante este tempo mudar-se-ão os generais, e os pintores da Europa terão objeto para uma nova galeria de retratos, os escritores tema para novas brochuras, e os jornalistas matéria vasta para publicações e artigos de fundo. E todo este movimento literário e artístico promovido por um bárbaro russo, o qual com a ponta do dedo abalou a Europa e tem todo o mundo *suspense*!⁸

O autor mostra como a informação dependia do transporte marítimo e que as notícias estrangeiras somente podiam ser lidas nos jornais brasileiros no ritmo das marés. Seja pelas cartas, seja pela importação dos jornais, esta provisão dava assunto para mais de uma semana aos leitores. Mas é a sucessão de notícias que resulta da acumulação que chama a atenção de José de Alencar, sobretudo quando ela é contrastada com a modernidade de todo o aparato do jornalismo europeu e sua mobilização de profissionais diversos como pintores de cenas de guerra, escritores de brochuras e jornalistas.

Segundo o cronista, o leitor brasileiro estava alienado dos acontecimentos importantes da atualidade. Mesmo que ele tivesse a percepção da existência de uma integração entre a Guerra da Criméia e os destinos mundiais, o que se deduz de suas

⁷ ALENCAR, José de. *Ao correr da Pena* – folhetins do « Correio Mercantil » (3 de setembro de 1854 a 8 de julho de 1855); folhetins do "Diário do Rio" (de 7 de outubro de 1855 a 25 de novembro de 1855). São Paulo: Editora Edigraf, s/d.

⁸ *Ibid.*, p. 43-44.

palavras é principalmente uma sensação de isolamento e sentimento de atraso, este último exposto na descrição sobre a engrenagem que transforma um fato isolado em informação, ainda ausente na imprensa nacional.

De qualquer maneira, o sentimento de isolamento do mundo é dado no conjunto *nonsense* das notícias de última hora. A imprensa era a única instituição capaz de promover uma integração sistemática entre o Brasil e o resto do mundo. Isto teve condições de acontecer somente após a adoção do telégrafo, que assinala uma verdadeira revolução no jornalismo nacional como, de resto, ocorreu em todo o mundo.

O que defendemos aqui, portanto, é que a forma de circulação dos jornais altera a forma da produção do texto jornalístico. E, conseqüentemente, a aparência dos jornais. Na nossa visão, o marco mais importante do século XIX e que vai incidir diretamente sobre a produção e leitura dos jornais brasileiros é a adoção do telégrafo.

O problema que se coloca agora é definir com alguma precisão esta data, uma vez que as informações disponíveis são controversas. Costumo adotar o ano de 1877 com base nas informações de Nelson Werneck Sodré:

Até 1874, as notícias do exterior chegavam por carta. Nesse ano, a agência telegráfica Reuters-Havas instalou, no Rio, sua primeira sucursal, dirigida pelo francês Ruffier. Na edição de 1º de agosto de 1877, o *Jornal do Comércio* publicava os primeiros telegramas por ela distribuídos. [...] Este noticiário passou logo a ser utilizado por todos os jornais, que criaram uma página internacional, com a cotação do café, ao tempo em Paris⁹.

Mas sabemos que o jornal carioca *Gazeta de Notícias* publicava telegramas da Havas-Reuter desde 1875, sendo talvez este ano o mais adequado para usarmos como marco. De outro lado, há informações de que o serviço telegráfico já servia particulares antes mesmo da instalação das agências.

O telégrafo óptico já estava presente no Brasil desde o início do século XIX, com as primeiras bases construídas em 1809, no Rio de Janeiro e Cabo Frio¹⁰ e estava sob jurisdição do Ministério da Guerra e, a partir de 1838, do Ministério da Justiça¹¹. Já o serviço de telégrafo elétrico foi inaugurado apenas em 1852 para fins militares, como

⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 215.

¹⁰ SILVA, Mauro Costa da; Ildeu de Castro, MOREIRA. *A introdução da telegrafia elétrica no Brasil (1852-1870)*, in Revista da SBHC, Rio de Janeiro, v.5, n.1, pp. 47-62, jan-jul 2007, p. 48.

¹¹ MACIEL, Laura Antunes. *Cultura e Tecnologia: a constituição do serviço telegráfico no Brasil*, in Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 21, n. 41, pp. 127-144, 2001, p. 130.

o controle do tráfico ilegal de escravos¹². Com sede no Rio de Janeiro, em 1858 havia 14 postos espalhados pelo país e a ligação transatlântica foi cogitada, pela primeira vez, em 1862¹³. No ano de 1864 começou um processo de integração entre os dois tipos de telégrafo e, com a Guerra do Paraguai, a expansão da rede telegráfica para o sul do país ganhou um forte impulso¹⁴.

A ideia do telégrafo como o grande integrador da nação foi forjada pelos republicanos, como maneira de criticar o Império e sua descentralização. Assim, a pressão aumentava na mesma medida em que os telegramas se tornavam mais numerosos¹⁵. A comunicação sistemática com a Europa só se efetivou em 1874, ligando Pernambuco e Portugal com a instalação do cabo submarino pela *Western Telegraph Company Limited*¹⁶, a qual concorria com o governo:

Desde que o telégrafo elétrico foi instalado no Brasil, em 1852, os dois maiores concorrentes do serviço telegráfico público foram as companhias de estradas de ferro e os cabos submarinos costeiros construídos pela empresa americana *Western Telegraph Company*. Ligando o Brasil aos EUA e Europa, a *Western* monopolizava a fatia mais rentável da comunicação telegráfica: a correspondência comercial urgente e a quase totalidade dos telegramas internacionais¹⁷.

Ao que parece, a utilização do telégrafo era uma atividade bastante vigiada pela Repartição Geral dos Telégrafos (RGT) durante o Império, com a distribuição de manuais de utilização, fiscalização, retenção de correspondências, enfim, uma atividade extremamente monopolizada pelo governo, mesmo com uma política de concessões já em vigor, embora a legislação das comunicações telegráficas e de telefonia só constem

¹² Interessante observar que este é também o suposto motivo da morosidade da expansão do telégrafo pelo país: os proprietários de escravos não apoiavam o controle, obviamente. Entre outros motivos levantados para o atraso estão: a ausência de uma demanda comercial e industrial assim como a falta de recursos para investimento. Apesar da atuação heroica de Guilherme Capanema, o grande animador e executor da instalação do telégrafo no Brasil, não houve empenho político suficiente do governo para a implantação generalizada do sistema, como ocorrera em outros países, seja por ação do próprio governo ou de terceiros.

¹³ SENNA, Ernesto. *Rascunhos e Perfis – notas de um repórter*. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1909, pp. 374-378.

¹⁴ SILVA; MOREIRA, *Op. Cit.*, p. 58.

¹⁵ MACIEL, *Op. cit.*, p. 134.

¹⁶ MACIEL, *Op. cit.*, p. 132.

¹⁷ *Ibid.*

na legislação republicana. Estas restrições certamente estiveram no cerne da pressão pelo serviço telegráfico mais abundante e ágil.

De qualquer forma, na bibliografia consultada não fica claro se os telegramas vindos do estrangeiro e comercializados para empresas e particulares a partir de 1852 são utilizados pela imprensa. Mas acreditamos que sim. Além do próprio fluxo interno de trocas de telegramas, principalmente para o sul do país onde a rede era mais complexa. Portanto, antes mesmo da instalação da agência Havas-Reuter, na década de setenta do século XIX, as informações dos jornais tinham como fontes a correspondência que era entregue pelos navios ou trazida pelo deslocamento de pessoas (o que incluía cartas mas também livros e periódicos) e pela compra de telegramas.

Por este motivo, após 1850 já podemos notar um primeiro período de profissionalização do jornalismo, afinal desde 1852 a comunicação via telégrafo se dissemina, embora seja ainda escassa¹⁸. Mas, como afirmam todos os autores que se debruçaram sobre o tema, este processo foi marcado por dificuldades técnicas, falta de uma política oficial efetiva de promoção das comunicações, ausência de mão-de-obra e de investimentos, dificultando e encarecendo o serviço telegráfico, o que fez com que sua adoção generalizada tenha sido apenas após os anos setenta.

Podemos concluir, então, que uma das conseqüências mais significativas do desenvolvimento da imprensa diária no século XIX foi ter permitido a simultaneidade. Quer dizer, o que acontece no Brasil não é um fenômeno isolado e só pode ser entendido num quadro mais amplo.

A partir de então, podemos falar em uma segunda etapa em que o jornal se constitui numa empresa mais complexa, apresentando uma estrutura tecnológica maior. A indústria do impresso passa por várias instâncias de modernização, como a adoção das novidades do maquinário, da produção de notícias, da distribuição de jornais etc. O jornalismo brasileiro se torna cada vez mais parecido com aquele feito pelo mundo e o imaginário é constituído por informações compartilhadas nos dois hemisférios do planeta, favorecido pela tecnologia do telégrafo que a cada dia fornece as novidades "frescas".

¹⁸ Em trabalho anterior, e seguindo as informações dadas por Werneck Sodré, dividimos esta primeira fase da história do jornalismo em dois períodos: 1850-1877 e 1877-1900. Nesta revisão, que pretende continuar sendo feita através de mais pesquisa em fontes diretas, pensamos que as mudanças notadas nos jornais por volta de 1850 se deva a esta primeira fase de circulação de telegramas pelo país.

Em outro testemunho da época, o escritor Medeiros e Albuquerque atesta, em uma entrevista concedida a João do Rio em 1904, a sensação de estar em comunhão de sentimentos com o mundo após a leitura de um *fait divers* sobre o assassinato de Vyacheslav von Plehve em julho deste mesmo ano. O ministro de Nicolau II, diretor da polícia tsarista, incitou pogroms e foi assassinado por um estudante revolucionário.

Os sentimentos modernos tendem a ser os mesmos em todo o mundo. Os paquetes a vapor, as estradas de ferro, os automóveis, a imprensa e o telégrafo, os mil e um processos que aumentam a sociabilidade humana, tendem a reproduzir em todos os cérebros do mundo o que a física ensina que sucede com o nível dos líquidos nos vasos comunicantes. Há bem pouco tempo, uma circunstância me fez pensar nisso. Um fato, o assassinato do ministro Plehwe [sic], em S. Petersburgo, me deu a mim um prazer tão intenso, como me daria o assistir à melhor cena dramática: vibrei de alegria. E ao mesmo tempo que isto me sucedia — a mim, que estava aqui longe, aqui desinteressado, lendo em um banco de bonde essa notícia, — em Berlim, em Cracóvia e em Londres (disseram-no os telegramas no dia imediato) milhares de pessoas organizavam passeatas e *meetings*, comemorando esse assassinato redentor. Há assim, a todo momento, dispersos pelo mundo inteiro milhões de pessoas animadas simultaneamente pelos mesmos sentimentos¹⁹.

Um evento isolado deflagra uma onda de sensações representadas pelo mundo da informação sincrônica como o sentimento de união do indivíduo com o todo, "milhões de pessoas animadas simultaneamente pelos mesmos sentimentos" e o Brasil, enfim, incorporado aos fluxos internacionais das mídias.

Os caminhos da imprensa diária passam agora por todos os lugares, Berlim, Cracóvia, Londres e... Rio de Janeiro. E o telégrafo é o sinal desta integração.

Mas o telégrafo não substitui o pacote. Enquanto alguns veículos adotavam o serviço telegráfico, outros se mantinham nos moldes tradicionais, mostrando que o desenvolvimento da imprensa não foi linear. As mudanças não foram abruptas mas certamente foram substanciais, uma vez que um grande jornal não poderia mais negligenciar o serviço telegráfico e a agilidade que ele dava à obtenção e fornecimento da informação.

De fato, é neste contexto que nós procuramos pistas sobre a modernização da imprensa brasileira cujo diálogo com a imprensa estrangeira se dava tanto pela importação de títulos como pela publicação dos telegramas.

¹⁹ João do Rio. *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1910, p. 24.

Partamos para o segundo eixo: dos atores das trocas entre os países e das instituições e lugares onde era possível encontrar e ler os jornais estrangeiros.

Um dos documentos que obtivemos sobre a entrada de jornais como *Le Petit Journal* e o *Le Figaro* no Brasil, entre outros periódicos franceses, é um fragmento do que sobrou de um catálogo dos belgas Lombaerts intitulado *Extrato do Catálogo Geral da Agência de Assinaturas para todos os jornais da Livraria Lombaerts & C., de 1887*, onde o livreiro belga sublinha a pontualidade de seus serviços como uma maneira de conquistar clientes, o que faz crer na existência de concorrentes do mercado periódico:

Esta antiga e acreditada agência, única no Império que tenha estabelecido serviço especial e regular para periódicos publicados fora do país, oferece as melhores garantias de rapidez, pontualidade e modicidade.
Preço Anual dos jornais mais importantes, para 1887, na Corte.
Fora da Corte mais 2.000 réis.

São mais de sessenta títulos e de revistas francesas como *Le Petit Journal*, um dos mais baratos, a 16 mil réis; *Le Figaro* a 22 mil réis, o *Journal des Enfants* a 9 mil réis, a *Revue des Deux Mondes* a 35 mil réis e a *Revue Britannique* a 35 mil réis. Infelizmente o documento está estragado e a lista de periódicos de outras línguas não pode ser lida. É possível observar a permanência de temporalidades diferentes, como foi dito, com os jornais já se utilizando do telégrafo para certos tipos de informações "imediatas" e um intenso comércio de periódicos pelos navios, trazendo não só as "novidades" (já nem tão novas) mas todo um modelo de estrutura de comunicação contidos nos tipos de seções e de linguagem empregada. E os jornais franceses ocupam aí um amplo espaço.

Podemos responder, então, a uma de nossas questões : a Livraria Lombaerts era um dos mediadores culturais na circulação de jornais estrangeiros no Brasil. Basta, agora, investigar seu papel como intermediária neste comércio internacional.

Sabemos, através das referências dadas por Laurence Hallewell²⁰ e Orlando da Costa Ferreira²¹, que Jean Baptiste Lombaerts e seu filho Henri Gustave Lombaerts eram belgas e que tinham sua livraria instalada no Rio de Janeiro entre os anos de 1848

²⁰ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil – sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, Edusp, 1985, pp. 157-158.

²¹ FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra – introdução à bibliologia brasileira – a imagem gravada*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1994 (Texto & Arte: v. 10).

a 1904. Eram importadores e comerciantes de livros e de jornais, mas também imprimiam e encadernavam livros sob encomenda, chegando a produzir um suplemento em português para a revista francesa *La Saison* entre 1871 e 1879, após o que começaram a imprimir a versão brasileira desta revista com o nome de *A Estação, Jornal Ilustrado para a Família*, se estendendo até 1904. Vários foram seus colaboradores ilustres como Machado de Assis, Artur Azevedo e Coelho Neto.

A impressão de edições nacionais de revistas ilustradas estrangeiras já era difundida, tendo entrado em decadência com o aumento de revistas nacionais e a importação de litografias prontas para serem inseridas nos periódicos nacionais. Foi justamente com *La Saison* que se retoma a impressão das revistas estrangeiras, "cujos fascículos aqui recebiam 'uma versão portuguesa explicando o texto francês'"²². Na década de 90, estes livreiros-editores se associaram ao fotógrafo Marc Ferrez, na "Lombaerts, Marc Ferrez & Cia". A revista *La Saison* do Brasil era uma das 14 edições da publicação francesa, a qual circulava em 14 idiomas.

Vindo com apenas três anos de idade da Antuérpia para o Brasil, Henri continua a profissão que seu pai iniciara no Velho Mundo, a consolida e expande para o ramo da litografia, sendo a Lombaerts identificada como "A maior das litografias" brasileiras de fins do século XIX. Ele mesmo era impressor-litógrafo; o que pode ter despertado interesse pelos jornais franceses ilustrados que constam em seu catálogo, por exemplo.

Mas a faceta de importadores de jornais é pouco explorada por Hallewell uma vez que ele se concentra na produção do livro, e mesmo por Orlando C. Ferreira, que tem o foco na história da litografia no Brasil neste capítulo. E não há qualquer referência aos catálogos de importação de jornais desta livraria, pesquisa que pretendemos aprofundar tentando localizar catálogos semelhantes ao que citamos acima.

De qualquer forma, nos parece bastante difundida a prática de importação de jornais franceses, nos incentivando à continuidade das investigações em catálogos de outras livrarias.

²² *Ibid.* p. 211.

O francês: a segunda língua dos brasileiros

Já podemos afirmar com certeza que a circulação de jornais franceses tinha como mediadores as livrarias importadoras como a Lombaerts, além dos jornalistas que liam a produção estrangeira, adaptando esses modelos ao contexto local. Mas outras instituições também eram responsáveis por colocar jornais franceses à disposição dos leitores, como as bibliotecas.

Entre os hábitos de leitura dos brasileiros a preferência é pelos periódicos e a segunda língua é o francês. É, pelo menos, o que se infere do depoimento do crítico literário José Veríssimo, de 1904, em sua coluna do *Almanaque Brasileiro Garnier* no texto *Leitura de Livros*. Ele acusa os brasileiros de nada ler em relação aos europeus, salvo os jornais.

Grandes e pequenos, fidalgos e plebeus, ricos e pobres, homens e mulheres, rapazes e meninos, senhores e criados, operários, artesãos, carregadores, funcionários, todos, nos bancos dos jardins ou na relva dos parques, nos ônibus, nos bondes, nos caminhos de ferro, nos vapores, nos salões dos hotéis, nos cafés e restaurantes, lêem livros, jornais, revistas, magazines, de todo gênero, casta, volume e formato. É justamente o contrário aqui, onde salvo de manhã e à tarde quando algumas pessoas lêem nos bondes e outros veículos de condução coletiva, os jornais dessas horas, raro se vê alguém lendo em público, e até não deixa de causar espécie que se leia assim outra coisa que os jornais do dia²³.

E o crítico literário segue e faz uma espécie de divisão por gênero dos leitores brasileiros: mulheres que não lêem "afora romances franceses e os romances-folhetim das folhas diárias [...] e aqueles mesmo escolhe-os mal" e homens – burocratas, capitalistas, negociantes, industriais, políticos, mundanos e "até o "doutor" acompanham-na de perto: algum romance francês, se sabem esta língua, o que é corriqueiro, principalmente se é a novela picante, os jornais do dia, e nada mais. "

E o autor destaca frequentemente o domínio da língua francesa pelo leitor brasileiro: "Sobretudo não lêem português; daí a triste língua que falam e escrevem, e ainda menos livros brasileiros".

Certamente o francês era o idioma preferido nas livrarias públicas, depois do português. O registro oficial dos leitores da Biblioteca Nacional em 1902 informa que os jornais e revistas eram os mais solicitados, totalizando mais de 10.000 volumes. E

²³ VERÍSSIMO, José. *Leitura de Livros*, in *Almanaque Brasileiro Garnier*, 1904, p. 202.

assinala a predominância do francês como segunda língua dos brasileiros alfabetizados com 9.771 exemplares lidos, para 21.706 em português e 1.015 em inglês (Ver Tabela 01).

Tabela 01			
Materiais	Obras consultadas na Biblioteca	Obras emprestadas	Somas
Belas Letras	7726		7726
História e Geografia	2632		2632
Ciências Matemáticas	1945		1945
Ciências naturais	2423		2423
Ciências médicas	3259		3259
Ciências jurídicas	2147	4	2151
Ciências sociais	731		731
Teologia	135		135
Filosofia	622		622
Artes	601		601
Relatórios	166		166
Bibliografia	119		119
Almanaks	169		169
Jornais e Revistas	10366	3	10369
Enciclopédias	1249		1249
	34290	7	34297
Línguas			
Português	21702	4	21706
Francês	9770	1	9771
Inglês	1014	1	1015
Italiano	588		588
Espanhol	384	1	385
Latim	315		315
Alemão	452		452
Grego	25		25
Tupy-guarany	38		38
Arábico	2		2
Total	34290	7	34297

Anais da Biblioteca Nacional (Brasil) – 1902 - *Os grifos são nossos.*

Tabela 02 Leitores da Primeira Seção*						
Ano	Classes					
	Anuários e Revistas			Jornais		
	Volumes	Avulsos	Total	Volumes	Avulsos	Total
1912	9341	9928	19269	6746	16635	23381
1913	11341	10329	21670	9851	17363	27214
1914	7113	14733	21646	7107	19636	26743
1916	12098	16258	28356	9282	22965	32247
1917	11131	13523	24654	7702	20693	28395
1918	8681	10597	19278	6439	15620	22059
1919	8791	10929	19720	6672	16006	22678
1930**					15476	

Anais da Biblioteca Nacional – 1912-1930 (tabela composta com dados dos relatórios)

*Primeira Seção – sala de leitura de periódicos da biblioteca.

**O novo diretor muda a metodologia e só contabiliza jornais, sem separar volumes e avulsos

A Tabela 02 é composta pelos dados dos relatórios dos "Anais da Biblioteca Nacional" entre os anos de 1912 e 1916 e mostra a ascensão da leitura dos impressos periódicos. A subida não é maior pois não havia mais espaço na "sala de leitura", de acordo com o diretor Manoel Cícero Peregrino da Silva.

Estes dados atestam a existência de leitores de jornais na Biblioteca Nacional e é possível que a leitura fosse em francês, porque vários periódicos do catálogo da época cruzaram o Atlântico e estavam disponíveis para os leitores no Brasil como, por exemplo, alguns exemplares do:

- *Le Petit Journal* – 1905-1907 (12 volumes);
- *Le Journal* – 1903-1904;
- *Le Journal pour tous: supplement hebdomadaire illustré du journal* – 1895-1897;
- *Le Matin* – 1905-1911;
- *Le Figaro* – 1854-1912;
- *Le Figaro Illustré* – 1885-1900.

Apesar do *Le Figaro* não ser um jornal "popular", como a imprensa sensacionalista francesa, ele era muito lido no Brasil e tinha uma seção de *faits divers*, *Nouvelles Diverses*, que nos parece ser o modelo de inspiração para o jornal paulista *O Estado de S.Paulo*.

É possível que existissem leitores na época para estes jornais, se eles estivessem mesmo disponíveis no acervo²⁴. É ao menos o que nos leva a crer as colunas de Voltolino nas páginas de *A Gazeta*, jornal paulista com um amplo espaço para os *faits divers*. Ele publica toda a semana a seção de caricaturas, claramente inspirada no *Le Petit Journal*.

Neste caso, apesar da circulação não ser explícita (nem do suporte, nem de qualquer testemunho de leitura do *Petit Journal*) é possível afirmar a presença e a interação com o jornalismo brasileiro.

Voltolino tomou o modelo emprestado do cartunista francês Draner – os comentários dos *faits divers* da semana através das charges –, adaptou para o jornalismo brasileiro e não deixou de ironizar o resultado destes empréstimos. Ele brinca com as representações do submundo que são importadas de Paris e que são adaptadas ao contexto local – caso de uma série de *faits divers* publicados na *Gazeta* em 1917 que relacionava o meio da droga e da prostituição presentes em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo com a elegância de ares parisienses (o *Vício Chic*), por exemplo.

Outra maneira de mapear as transferências culturais no domínio da imprensa é o testemunho de leitura deixado por escritores. Destacamos o caso de Lima Barreto que também fazia a leitura dos jornais franceses e os cita explicitamente em relação aos *faits divers*:

A não ser o "Jornal do Comércio", pode-se dizer que os diários do Rio nada têm o que se leia e todos eles se parecem, pois todos têm a preocupação de noticiar crimes, escândalos domésticos e públicos, curiosidades banais e, em geral, ilustrados com zincografias que nada têm com o caso, quando não são hediondas ou imorais, como aconteceu com o "O Globo" que, certa vez, deu a de um cadáver exumado, inteiramente nu.

A imprensa popular de qualquer país, por exemplo: o "Matin", o "Journal" (falo dos que conheço) – não é tão indigente de leitura, de atrativos outros que não o vulgar noticiário, como os jornais do Rio, nos quais quase não existe colaboração de qualquer natureza.

²⁴ Não conseguimos localizar dados que atestem o ano de aquisição destes jornais pela FBN, de modo que não podemos afirmar com certeza se eles já estavam no acervo nesta época ou se foram doados posteriormente.

Guiados pelas mesmas leis, obedecendo quase a um único critério, todos eles se parecem; e, lido um, estão lidos todos²⁵.

Sabemos, portanto, que Lima Barreto lia *Le Matin* e *Le Journal* no Rio de Janeiro dos anos 1900 (o livro de onde tiramos a citação foi publicado em 1909), isto é, ele era um mediador cultural. Seus comentários são uma comparação da imprensa francesa em relação à imprensa brasileira, em que esta última é vista como inferior em qualidade quando comparada com o modelo francês.

Quais são, então, as consequências da circulação dos jornais franceses no Brasil? Os mediadores como as instituições livraria Lombaerts, a Biblioteca Nacional brasileira ou os editores como os belgas Lombaerts e o jornalista e caricaturista Voltolino devem ser mais numerosos. Quem são eles: viajantes, intelectuais, jornalistas, tipógrafos ou não?

Existem outros exemplos destes jornais nos arquivos no Brasil?

Os caminhos são tomados pelos barcos, pelo cabo telegráfico, sabemos. Mas quais são os números destas trocas? Estas são feitas diretamente com a França ou via Portugal?

Quais são as outras formas que tomam os jornais para chegar ao Brasil?

É o que a continuação desta pesquisa se propõe a descobrir.

²⁵ BARRETO, Lima (1909). *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Editora Ática, 1998, pp. 100-101.